

## A Propósito das Armas Arremessadas

Gen. JOÃO VICENTE SAYÃO CARDOSO

— VI —

### CONSIDERAÇÕES DE ORDEM OFENSIVA E DEFENSIVA NO EMPREGO DAS ARMAS-ARREMESSADAS

Três dias após termos terminado o assunto referente às «performances» das armas arremessadas, voltou o velho camarada. Pareceu-nos que vinha preocupado com alguma coisa.

— Então como vai essa «bizarria»? Já meditaste sobre tudo que temos conversado aqui?

— «A «bizarria» vai bem, continuo a desfrutar de bom ligado, apesar dos motivos diariamente sobrevindos para constorná-lo. Quanto às minhas meditações, bem sabes que não são muito profundas, faltam-lhes cartaz, assim como a ajuda das sociedades de auxílios mútuos, lão em voga.»

— Muito bem, da vez passada me acusaste de prolixo e de me deixar anastiar por «correntes parasitas», hoje parece que se trocaram os papéis. Qual foi a vespa que te ferrou?

— «Estive conversando a respeito dos foguetes com certos camaradas que tinham obrigação de conhecer, pelo menos de vista, essas armas, pois estiveram na Itália com a F.E.B. Nenhum dêles, entretanto, me deu impressão de compreender a importância do problema.»

— Ora, meu velho, nem todos que foram à Itália tiveram oportunidade de entrar em contato com armamentos, muitos ficaram, em virtude de suas funções na retaguarda. Além disso, quando da Campanha da Itália, o inimigo já havia perdido o domínio do ar e o teatro italiano tem características muito peculiares, terreno muito acidentado e montanhoso, nada semelhante aos teatros possíveis das

nossas «guerrinhas particulares». Ademais, o fato de ter ido à guerra não torna o homem mais esclarecido ou mais sábio.

— «Tudo isso eu sei, mas... se êses que tomaram parte oficialmente na guerra não estão se interessando pelo assunto, muito difícil será convencer aos outros, que ficaram «em berço esplêndido», da necessidade urgente de nos pormos em dia com êses armamentos.»

— Está certo, mas não podemos ser «palmatórias do mundo», contentemo-nos com a satisfação de não sermos cúmplices e vamos tocando para frente, sem nos preocupar com os óbices que certamente encontraremos no caminho.

— «Isso é bom de dizer, mas... que faz pena... faz.»

— Vamos às armas arremessadas porque pretendo terminar hoje com êste assunto. Quais as armas, das apresentadas, que nos fornece base para melhor emprego ofensivo, numa guerra futura?

— «Em primeiro lugar as VI que, voando baixo em altas velocidades, podem conduzir qualquer espécie de material mortífero. Além disso, podem ser empregadas — de terra, contra objetivos na terra ou no mar; e de mar, contra objetivos no mar ou na terra. Serão muito difíceis de assinalar e de destruir com os atuais equipamentos e armamentos anti-aéreos.»

— Muito bem, aí está um belo sumário de tudo que temos conversado

a respeito dessa arma. Continuemos e vejamos o resultado de tuas cogitações a respeito desses armamentos.

— «Depois os foguetes V2 de extremo alcance, com velocidade super-sônica, voando acima da atmosfera e caindo segundo ângulos de queda muito grandes. Absolutamente inassimiláveis com os atuais equipamentos e impossíveis de destruir com os atuais armamentos defensivos. Poderão também ser utilizados do mar contra objetivos terrestres, mas de preferência deverão ser empregados de terra para objetivos também terrestres. Podem transportar qualquer espécie de material mortífero, mas, dados os ângulos de queda utilizados, é preferível não carregar materiais de efeito lento como o de espalhar radioatividade, gases, bactérias, etc.»

— Estou surpreso... realmente, ou andaste estudando ou meditaste muito sobre o objeto de nossas palestras.

— «Ainda não terminei. Até agora só falei de armas do tipo **terra à terra, terra ao mar, mar à terra, mar ao mar**, ainda falta apresentar os tipos **ar à terra e ar ao mar.**»

— Onde foste buscar essa classificação?

— «De uma informação que me deste no fim da nossa segunda palestra, não te lembras?»

— Sim... recordo-me agora ter dito que essas armas se classificavam conforme a origem do lançamento e a localização do objetivo.

— «Portanto, nada de extraordinário existe nessa classificação, é, apenas, o descobrimento de um informe conhecido.»

— Muito bem, então por que também não citaste os tipos — **terra ao ar, mar ao ar e ar ao ar?**

— Citarei quando chegar a ocasião, porque essas são por definição armas de emprego mais defensivo que ofensivo.»

— Sim senhor!!... Quem é que está ensinando hoje? Eu ou tu?

— «Meu amigo, o melhor meio de aprender é ensinando, porque somente sentindo as dificuldades em se fazer compreender, vamos desvendando os pontos obscuros do nosso raciocí-

nio e os liames entre as diferentes partes do mesmo.»

— Que dizia eu no início da nossa conversa de hoje? Estás absolutamente dogmático. Vamos neutralizar essa corrente parasita e voltar às nossas armas. Vejamos os tais tipos **ar à terra e ar ao mar.**

— «Pois não, aí vão eles: — Aviões sem piloto (verdadeiras bombas voadoras) completamente controlados pelos aviões lançadores (direção, altitude e visão) com velocidades e alturas médias. Podem levar qualquer elemento mortífero, salvo, talvez, a bomba atômica, devido à sua vulnerabilidade aos equipamentos e armamentos anti-aéreos comuns, porém melhorados.

— Bombardeiros de muito longo alcance equipados com bombas planadoras de alta velocidade, completamente controladas e dirigidas, capazes de serem lançadas de grandes distâncias fora das zonas de defesa. Podem transportar qualquer espécie de material mortífero. Os atuais equipamentos e armamentos anti-aéreos são impotentes contra essa espécie de armas.

— Muito bem. Passemos agora ao emprego de caráter defensivo.

— «Prefiro apresentar mais objetivamente quais as armas capazes de nos defender contra as que acabo de assinalar. Serve assim?»

— Serve. Vamos a elas, que ainda tenho considerações a fazer.

— «Qual o armamento capaz de deter uma VI — super-sônica? Nenhum, e neste caso inclui também os modernos aviões leves e médios a jato.»

— Isto mesmo. Parece que de futuro essas serão as armas mais difíceis de serem contra-batidas. Talvez se possa utilizar foguetes dirigidos por aparelhos detectores muito mais aperfeiçoados que os atuais. Os canhões anti-aéreos possuindo velocidades iniciais muito mais elevadas do que as conhecidas até agora, completamente automáticos e com aparelhos diretores eletrônicos aperfeiçoadíssimos.

— «Puxa!! isto tu ainda não me tinhas dito.»

— Não, porque aguardava para

hoje. São informações que a documentação avariada me forneceu diversas vezes.

— «Contra as V2 é possível.»

— «A defesa projetada de contra-foguete de contra-manobra e de contra-ataque é possível que qualquer se faça. Porém, este problema não foi resolvido, resultando em vulnerabilidade atual. De que esse contra-foguete é independente de novas pesquisas, questão de experimentação e pesquisa já conhecida.»

— «Contra os aviões de contra-ataque lançados pelos foguetes-chuva, também está sendo estudada.»

— «Sim, esse foguete está sendo aperfeiçoado e aperfeiçoado, que uma Comissão técnica, encarregada do estudo, concluiu — «os aviões de contra-ataque serão empregados para a destruição de bombas planadoras de grande alcance, das dos objetivos.»

— «Isso torna a defesa anti-aérea completamente possível.»

— Muito bem, mas por que os canhões anti-aéreos de quartelhas particulares não serão empregados para a defesa contra aviões sem piloto ou foguetes sub-sônicos?

— «Como aqueles que são fáceis de fabricar? Não, já que já se sabe que os canhões anti-aéreos de fabricação americana, ligados a qualquer sistema de defesa.

— Isto mesmo. Mas os canhões anti-aéreos modernos, com servos, terão de ser completamente remodelados e atualizados para solucionar os problemas de defesa, aperfeiçoar a direção e aumentar as velocidades, além de automatizar e teledirigir os canhões, só servindo para a defesa.

— Bem, parece que já temos as considerações de ordem defensiva. Quais as outras questões que desejas fazer

hoje. São informações colhidas naquela documentação a que já me referi diversas vezes. Adiante.

— «Contra as V2 não há defesa possível.»

— A defesa projetada é uma espécie de contra-foguete dirigido, capaz de contra-manobrar e ter maior velocidade que qualquer espécie de bomba. Porém, este problema ainda não foi resolvido, resultando daí a nossa vulnerabilidade atual. É bem verdade que esse contra-foguete não está dependente de novas invenções; é, apenas, questão de aperfeiçoamento, experimentação e pesquisa das técnicas já conhecidas.

— «Contra os aviões sem piloto e contra os aviões lançadores, aplicaremos o «foguete-chuva» que, certamente, também está sendo aperfeiçoado.»

— «Sim, esse foguete tem sido experimentado e aperfeiçoado de forma tal, que uma Comissão Norte-americana, encarregada do seu estudo, concluiu — «os aviões comuns só poderão ser empregados como transportadores de bombas planadoras rápidas de grande alcance, muito afastadas dos objetivos.»

— «Isso torna a atual artilharia anti-aérea completamente obsoleta.»

— Muito bem, mas para as nossas «guerrinhas particulares», ainda poderá servir contra aviões médios, aviões sem piloto ou foguetes e bombas sub-sônicas.

— «Como aquêles que me disseste ser fácil de fabricar? Não? Um motor a jato desses que os ingleses ofereceram a fábrica a vários países sul-americanos, ligado a uma bomba qualquer.

— Isto mesmo. Mas para que os nossos canhões anti-aéreos ainda possam servir, terão de ser completamente remodelados e atualizados. Temos de solucionar os problemas da detecção, aperfeiçoar a técnica do radar e aumentar as velocidades iniciais, além de automatizar a manobra e teledirigir os canhões. Do contrário, só servirão para os museus.

— «Bem, parece que já abordamos as considerações de ordem defensiva e ofensiva. Quais as outras considerações que deseja fazer a respeito?»

— Primeiro, considerações a respeito das modificações no caráter da guerra, depois ainda considerações de ordem geral.

— «Então, adiante.»

— Parece-nos que todos esses armamentos imprimirão à guerra um caráter muito mais destruidor, e, ao mesmo tempo, os diferentes atos se sucederão com muito maior rapidez. «Einstein», referindo-se à bomba atômica, disse — «a atual é 500 vezes mais poderosa que a lançada em «Hi roshima»; e a respeito dos armamentos na futura guerra, afirmou — «não sei sobre a vindoura, mas na que se lhe seguir, os armamentos serão a pedra e o pau». Essa metáfora, na boca de um sábio da sua estatura, indica a qualidade e a quantidade de destruição que se pode esperar para uma futura guerra.

— «Puxa!!... hoje, quando sair daqui, preciso «arejar», porque tôdas essas coisas estão me deixando «abatido». Será que os responsáveis estão a par dessas coisas? Será que estão agindo à altura dessa evolução?»

— Essa questão de estar a par, é como te disse sobre as surpresas que a guerra passada trouxe para ingleses e franceses. Quanto à ação, bem sabes que só vem ao conhecimento público depois que já não há mais remédio.

— «Então vamos continuar, porque já está ficando tarde.»

— Que condições se deve preencher para tomar a iniciativa numa guerra desse gênero?

— O agressor, por mais forte que seja, hesitará e só tomará a iniciativa se os seus dirigentes estiverem relativamente certos de que os depósitos de armamentos da natureza dos que vimos de apresentar, nas mãos do inimigo eleito, ou são pequenos, ou podem ser totalmente destruídos no primeiro golpe. O objetivo principal do ataque será destruir o moral e a vontade de resistir, seja pela aniquilação de uma massa considerável de povo, seja pela destruição de potencial industrial.

— «Bem, isto é animador, porque

nós não «somos de briga» e aqui na América, com a política atual, não creio que haja nação capaz de um ato como esse.»

— Sim... Mas é preciso não confiar em demasia, porque a história está cheia de surpresas, particularmente depois da aparição das filosofias ultra-realistas das necessidades primárias.

— «Queres dizer, «confiar, desconfiando.»

— Vejamos, em contraposição, o que pensam os norte-americanos sobre «como se defender de um ataque desse gênero.»

«Numa próxima guerra não se pode pensar em construir armas de contra-ataque, não haverá tempo, é necessário realizar o mínimo seguinte:

- a) novos e aperfeiçoados armamentos anti-aéreos de contra-foguete para combater as V1 e V2;
- b) ter estabelecidos desde já planos de defesa constantemente atualizados;
- c) ter estabelecido um plano para a dispersão das populações com meios assegurados para a sua execução;
- d) dispersar as indústrias vitais por todo o território e mesmo enterrar profundamente certos órgãos;
- e) manter suprimentos e estoques dos materiais estratégicos, de armas arremessadas, de bombas atômicas, material irradiante, também disseminados no território;
- f) manter permanentes e contínuos estudos, experimentações e pesquisas, a fim de estabelecer meios de defesa contra a rádio-atividade, os efeitos da guerra química e biológica.

Para assegurar a atualização de todas essas medidas é necessário manter um ativo serviço de informações.

A defesa adequada de um país como os Estados Unidos exige o estudo de vários problemas, porque o seu perímetro é tão grande que seria, militar e economicamente, impossível manter uma rede permanente para determinar qualquer ataque por sur-

presa do gênero de armas arremessadas em massa.

O problema de centralizar o controle de todos os meios de defesa seria de um vulto quase impossível de realizar. O mais que se poderá fazer é construir zonas de defesa junto às regiões de instalações vitais, assim mesmo, com gastos e sacrifícios inauditos.»

— «Isto é para os norte-americanos. No nosso caso, cujo território é ainda maior e cujas disponibilidades económicas são infinitamente menores, como será?»

— Há órgãos cujas atribuições evidentemente incluem o estudo e a solução desse problema. Penso, entretanto, que todos nós devemos, na esfera de nossa ação, estudar e sugerir idéias e medidas aos órgãos competentes, para que nos não sintamos, em qualquer caso, réus por incuria.

— «Bem, depois disto, eu que represento o pensamento médio dos nossos camaradas, como já disseste há tempo, só tenho uma atitude a tomar.»

— «Qual é?»

— «Pedir a Deus que as Nações Unidas, consigam a sua finalidade de estabelecer no mundo uma paz duradoura.»

— Homem!!... parece que os teus anseios andam periclitando agora, lá em Paris (1).

— «Não, meu caro, nunca é tarde para a vitória de uma causa justa. Querias que vencêssemos a paz sem luta? Não! a paz tem de ser conquistada em batalhas memoráveis, em que se esgrimem outras armas diferentes na constituição e na forma — são as armas da boa vontade, da cooperação, da solidariedade, da educação, da justiça, da economia e da fé.»

— Depois desta tua tirada, só o silêncio, mas silêncio dinâmico, em que não haja braços cruzados muçulmanamente e em que estejamos alertas, prontos para a luta, se possível, com boas e evoluídas armas arremessadas.

(1) Escrito no dia 11 de novembro de 1948.

## Comentário

Neste momento, vilégio de expressar a vista com respeito aos genheiros de seu tempo, pois em grandes minhas opiniões que acabaram de Resistir! à tentativas concretas e eficiência e exigência poderá ser mais os seus próprios maior e de engenharia procura obter é mente equilibrado, feita recentemente oficiais sobre essa para a grande quantidades unidades de rias para dar o adequado. Entretanto, de qualquer força de paz depende sendo que a economia mais importante na maioria dos de paz os planejamentos preocupações económicas que pido a que o exército vem parte — grande pelos processos de po de paz como em caso de uma nacional, possa expandir para tornar-se um efetiva e equilibrada a seguir são ori pela melhor consensão que posso tempo de paz no